

Ação e modernização da cultura: algumas reflexões analíticas*

Antonio de Ponte Jardim**
Julho de 2005.

Resumo: Discute o papel da indústria cultural na transformação e criação de valores, com implicações nas mudanças e criação de novas de identidades culturais. Analisa as origens da indústria cultural, enquanto organizadora e produtora e espetáculos, nos moldes da produção industrial, com vistas a obter lucro. A indústria cultural é responsável pela profissionalização da cultura e das artes, em suas diferentes especializações, como também pela fragmentação, exclusão e criação de novas identidades culturais. Ressalta a importância de se resgatar as culturas tradicionais excluídas, com um dos elementos essenciais para a consolidação da Democracia cultural, a partir da "igualdade na diversidade".

Palavras-chave: Cultura, ação, modernização, identidade cultural, indústria cultural, espetáculo, democracia cultural.

Vivemos num momento em que os valores culturais passaram a ser objeto de consumo e fazem parte da economia, geram empregos em diferentes níveis da sociedade. Passam a ser administrados pela chamada "indústria cultural"¹, responsável pela divulgação e consumo de valores culturais locais e regionais. A cultura local torna-se objeto de consumo, transforma-se num bem econômico.

A cultura como objeto de consumo tem conseqüências diretas sobre o cotidiano², sobre o modo de vida da população, especialmente, no que diz respeito ao culto às tradições, responsável pelo "resgate" e conformação entre identidades culturais, que passa pela compreensão como os indivíduos estão inseridos no sistema social a que pertencem.

** Sociólogo, Dr. em Planejamento Urbano e Regional pela UFRJ-IPPUR e Pesquisador do IBGE.

¹ A indústria cultural é geralmente controlada pelo poder estatal e opera conjuntamente com empresas privadas nacionais e estrangeiras. Cria e recria um amplo espaço de trabalho para intelectuais e artistas, no sentido que absorve diferentes profissionais da cultura e das artes. Tem por propósito industrializar o novo, a novidade, o devir assim como recriar as manifes-tações culturais existentes, com objetivos de produzir bens para o consumo (mercadorias) e gerar lucro. Em geral, a indústria cultural "organiza-se e altera-se em conformidade com os interesses econômicos e políticos responsáveis pela sua formação" e organização. IANNI, Octávio. **Ensaio de Sociologia da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. P:189-200.

O público alvo da indústria cultural tende a ser uma "multidão criada e recriada de cima para baixo", que se forma e se dispersa de acordo com os movimentos da moda. Alimenta-se na cultura de massa – fragmentada, sem vida, vazia de história. Assenta-se na criação e orga-nização do espetáculo.

* Palestra proferida no IX Congresso Histórico-cultural de Viana e do Meio Ambiente do Rosário de Lagos do Maracu, de 13 a 16 de julho de 2005, no Centro de Treinamento da Diocese de Viana. Organizado pelo Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural, Paisagístico e do Meio Ambiente de Viana, MA.

Agradeço a professora Ana Tereza Bogéa Bittencourt as sugestões e observações sobre as manifestações culturais do Maranhão.

² Define-se o *cotidiano* como "o conjunto de atividades que caracterizam a reprodução dos homens particulares, os quais, por sua vez, criam e recriam a possibilidade de reprodução social" - HELLER, Agnes - **Sociologia de la Vida Cotidiana**, Barcelona, Ediciones Península, 1987, p: 19.

O que significa identidade cultural?

Inicialmente, podemos dizer que a formação da identidade cultural está relacionada com o lugar onde nascemos, com a preservação dos valores existentes, responsáveis pela determinação de expectativas, percepção e referências, que dão especificidade à cultura material e espiritual, a partir da posição que ocupamos no mundo. Em segundo lugar, a identidade cultural corresponde ao lugar que ocupamos no mundo, pelo fato que este condiciona, em grande parte, as nossas referências, as formas de percepção e de concepção da realidade social³ circundante. Portanto, a identidade cultural faz parte de um sistema de valores diferenciados e complementares, responsável pela manutenção de diferentes “visões sociais de mundo⁴”, cujos princípios determinam expectativas e mudanças de ações, em relação ao consumo e a criação de novas identidades sociais, com implicações no surgimento de novas ações sociais que não são, necessariamente, geradas no lugar em que vivemos, mas que contribuem para as mudanças na cultura local.

As diferentes ações como elementos da formação da identidade cultural

Podemos dizer que agimos, por um lado, a partir de vivências, de referências que se traduzem em diferentes modos de ser (“visões de mundo”, condicionadas por valores⁵). Estas referências são cada vez mais racionalizadas⁶ pelo Estado - através do sistema educacional, de políticas públicas, culturais, entre outras ações, realizadas por diferentes atores - por organi-

³ *Realidade social* constitui-se por diferentes práticas e interesses existentes no interior das “sociedades”. Estas são constituídas por relações e representações sociais que formam sistemas sociais, onde pessoas e instituições interagem entre si, com propósitos e fins determinados. Normalmente, o “que nós consideremos como realidade social é em grande parte representação ou produto da representação, em todos os sentidos”. (BOURDIEU, P. **Coisas Ditas – Pierre Bourdieu**, São Paulo, Brasiliense, 2004, p.70-1).

⁴ As “visões sociais de mundo” estão associadas à estrutura de classes, a interesses, a cultura e a utopia. A cultura é o ingrediente da ideologia, enquanto que a ideologia está relacionada a interesses. Em relação à ideologia há uma racionalização do mundo associada à racionalidade. A cultura corresponde à formação social. Neste sentido, as bases culturais são construídas no confronto de interesses (ideologia e utopia). LÖWY, Michel - **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Mückhausen - Marxismo e Positivismo na Sociologia do Conhecimento**. São Paulo: Busca Vida, 1987.

⁵ WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1987.

⁶ O conceito de racionalidade que estamos utilizando refere-se ao desempenho técnico e educacional, em relação ao aumento da eficácia da ação. Está associado à capacidade de expressar a intensidade da ação, através do saber técnico que potencializa a eficiência dos sujeitos em relação à intensidade de suas ações. WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1987.

zações de interesse público e privado, viabilizadoras da veiculação e instrumentalização de novas racionalidades⁷, que criam e recriam necessidades⁸ que, na maioria das vezes, são estranhas ao cotidiano, à identidade cultural local. Transformam o “mundo da vida” em um “mundo sistêmico”, cujas ações são dirigidas a fins e propósitos determinados. Estas racionalidades, em muitas vezes, descaracterizam a cultura local e difundem valores que só satisfazem a uma pequena parcela da população interessada na sua produção e comercialização. Estabelecem, assim, os princípios da modernização, pautada na mudança de valores tradicionais pela introdução de novos hábitos sociais, como geradores de novas necessidades.

A análise das diferentes ações nos permite desvendar as contradições existentes no interior da sociedade, no sentido que toda sociedade é geradora de formas estéticas, éticas, políticas e culturais, que envolvem contradições entre os diferentes interesses sociais e políticos existentes. Estes interesses refletem diferentes “visões sociais de mundo”, que se evidenciam através de disputas políticas e culturais (locais ou não) em relação a mudanças e/ou permanências valóricas. A racionalização destas disputas está assentada no ideário da modernização cultural, cujo projeto originou-se no processo de ocidentalização do mundo (Latouche, 1997)⁹, principalmente a partir do século XVI.

A origem da modernização ocidental

O ideário da modernidade representou a interligação de dois mundos: o da **racionalização técnica**¹⁰ e o do **individualismo moral** (da ética protestante – “*Eu sou responsável pelos meus atos perante Deus e os homens*”). Instaura-se, assim, o projeto da igualdade entre os indivíduos; o que permite que se trate o indivíduo como um ser em construção, como sujeito por-

⁷ As diferentes racionalidades estão associadas aos diferentes modos de agir, de fazer e de atuar cuja instrumentalização segue o ideário da sociedade de bem-estar social, construída a partir da mística da igualdade entre os indivíduos, no sentido que “perante as necessidades e o princípio de satisfação é o mesmo para todos os homens...” (Baudrillard, 1981).

⁸ Para nós, as *necessidades* estão relacionadas a um **sistema de valores**, que variam em função de carências socialmente necessárias, a partir de um mercado de bens e serviços, seja este local ou não. Neste sentido, fazem parte de um **sistema de carências**, que variam de acordo com os valores reinantes numa determinada sociedade, em um determinado momento histórico. Por isso, são desenvolvidas de acordo com as condições sociais e tecnológicas existentes na sociedade e a sua disponibilidade para o consumo. Neste sentido, estabelece-se um sistema de carências que, de acordo com as possibilidades de acesso ao consumo de bens e serviços, determina a satisfação ou não das necessidades existentes, num determinado espaço e momento histórico.

⁹ LATOUCHE, Serge. **A ocidentalização do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

¹⁰ HABERMAS, Jürgen. **Técnica e Ciência como “Ideologia”**. Lisboa: Edições 70, 2001.

tador de esperança de um futuro melhor, a partir da concepção maquínica do progresso, nos séculos XVII e XIX. A idéia de progresso coloca o indivíduo como projeto do amanhã, do futuro, do paraíso terrestre cujas ações ganham previsibilidade, por fazerem parte de um sistema de valores, de necessidades previamente determinadas, a partir do ideário da racionalização técnica do mundo e do individualismo moral. Esta nova racionalidade projeta e antecipa o futuro dos indivíduos. Estes são os princípios básicos, ao nosso ver, do fundamento do discurso da política liberal e revolucionária, com propósito das “garantias” das condições sociais e individuais, a partir da constituição do progresso técnico e científico. A consolidação dessa falácia se dá através da ideação do indivíduo do futuro, do homem do amanhã (Touraine,1998)¹¹, racionalizado e instrumentalizado pelo saber técnico e pela ação política voltada para o desenvolvimento tecnológico. Este discurso é o mote importante para justificar-se a importância da racionalidade do trabalho e das igualdades entre os homens, via acesso ao consumo que, cada vez mais, se torna socialmente diferenciado e responsável pela criação de novos hábitos culturais e de processos societários¹² diferenciados que, ao mesmo tempo, contribuem para a criação e recriação de (novos) padrões culturais. Estes padrões estão cada vez mais centrados na difusão de espetáculos¹³, cuja função é transformar a realidade em aparências, esconder ou recriar a verdadeira identidade da vida social, já que procura encobrir as contradições existentes entre os capital-trabalho e os interesses de classe. Portanto, o surgimento da sociedade do espetáculo serve para mascar os interesses envolvidos no jogo (da) político(a) e da democracia de consumo, já que “*somos todos iguais desde tenhamos condições econômicas para de consumir*”.

¹¹ TOURAINE, Alain - **Igualdade e Diversidade - O sujeito democrático**, tradução de modesto Florenzano, Bauru, SP, 1998.

¹² Os processos societários referem-se às novas formas de aprendizagem e socialização advindas das novas tecnologias informacionais.

¹³ A sociedade espetacular é responsável pelo modo de vida dominante que interfere no modo de ser e de agir dos indivíduos na sociedade contemporânea, no sentido de criar necessidades para o que deve ser produzido e, portanto, consumido. Portanto, a essência do espetáculo é quanto mais o homem produz, em separado, mais se rende e se vê distanciado de seu mundo e de suas ações e, quanto mais se distancia de seu mundo, menos consciente é de sua vida, pois ela se torna também um produto disponível no mercado (torna-se um espetáculo). As identidades culturais passam a serem consumidas e planejadas com o propósito de aumentar a eficiência e a eficácia do espetáculo. A vida dos indivíduos comuns é determinada por fases associada às suas capacidades de produzir e de consumir durante os seus ciclos de vida. Desse modo, a sua vida passa a ser programada, estimada quando deve nascer, viver e morrer. Cf. DEBORD, Guy. **A Sociedade Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Em segundo lugar, os princípios da modernização ocidental também estão assentados no domínio da técnica e de saberes, via especialização, que contribuíram para a potencialização do trabalho e permitiram, no geral, a melhoria nas condições de vida da população, especialmente nos países capitalistas centrais. Entretanto, a universalização da modernização ocidental torna-se cada vez mais seletiva, tanto em termos de acesso como de domínio do saber, principalmente, a partir da Revolução Industrial, onde o conhecimento técnico exigiu, cada vez mais, a formação e o domínio de especialistas e separação entre aqueles que planejam e os que executam. Este domínio técnico tornou-se, também, diferenciado entre países centrais e os de capitalismo tardio e entre diferentes áreas de conhecimento.

A partir desses aspectos constata-se que o processo de modernização pode significar coisas muito distintas, tanto para os países centrais como os de capitalismo tardio. A primeira distinção corresponde à distância entre o domínio de saberes e a produção de novos. Em relação aos países centrais, este domínio possibilitou inicialmente a potencialização e o acúmulo de riquezas materiais e espirituais, responsáveis por excedentes de capital e de conhecimento, principalmente em relação ao estado inglês. Este excedente foi fundamental no investimento e no desenvolvimento de novas tecnologias, via educação especializada, o que permitiu ao estado garantir educação técnica e assistência e seguridade social à população, elementos fundamentais para a geração e acumulação de excedentes (materiais e intelectuais); ajudou na expansão do comércio de bens e serviços, criando novas necessidades em suas colônias e/ou países recém libertos de impérios coloniais. Por exemplo, no século XIX a Inglaterra exportava, para diferentes países, estradas de ferro e de outros bens manufaturados para a construção de pontes, gares, entre outros produtos resultantes da modernização técnica e científica.

A modernização ocidental vista a partir da Revolução Industrial, foi fundamental nas transformações no modo de vida e na criação de novas necessidades. Gerou e implementou na população a expectativa de que *"a felicidade constitui a referência absoluta da sociedade de consumo, revelando-se*

como o equivalente autêntico da salvação” (Baudrillard, 1981:51)¹⁴ terrena. Portanto, a racionalidade técnica permitiu a antecipação do futuro. Assim, o paraíso passou a ser garantido pela produção e consumo de bens da sociedade industrial, como também a assistência de serviços, especialmente os educacionais, por parte do estado. Entretanto, a sua universalização ficou restrita ao domínio dos especialistas que, em diferentes áreas de conhecimento, passaram a ter o “domínio” e o “controle” da felicidade e do “caos” social emergente.

Associada à modernização técnica emergiram valores morais, éticos e estéticos, advindos de novos estilos de vida, entre eles, hábitos culturais que se consolidam na geração de novas necessidades para elite dos países centrais, como também para uma pequena parcela da população residente em países de capitalismo tardio¹⁵.

O modelo colonial, onde a metrópole era a referência para as elites locais, deixa de ter o domínio exclusivo. As novas referências passaram a ser Londres e/ou Paris e mais tarde os Estados Unidos. Desloca-se o eixo de consumo para as elites regionais e locais¹⁶, a partir da concepção que novos negócios geram novos investimentos necessários para a reprodução das elites locais, estabelecendo-se, assim, a interdependência entre as elites locais/regionais e as internacionais. Esta interdependência teve um papel importante na criação e consolidação de centros regionais no Brasil, que foram constituídos em função do acúmulo de riquezas (materiais e espirituais) e se tornaram importantes no processo de diferenciação regional e interregional. Esta diferenciação se reproduz hoje regionalmente, a partir das pendências internas em relação à especialização técnica necessária para o acúmulo de riquezas e de saberes técnicos e intelectuais. Estes são responsáveis pela formação e sustentação de mercados de bens e serviços, in-

¹⁴ Baudrillard, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: edições 70, 1981 (especialmente a segunda parte – Teoria do consumo).

¹⁵ O ideário do desenvolvimento do capitalismo no Brasil e na América Latina foi posto em prática pela CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina, da ONU, criada em 1949, onde o Brasil teve um papel preponderante. A sua função era de criar as condições socialmente necessárias para a implementação do desenvolvimento urbano-industrial e recentemente é responsável pela orientação e discussão sobre a reestruturação capitalista e suas implicações sociais e políticas na América Latina e no Caribe.

¹⁶ Ressaltamos que normalmente a formação das elites regionais está assentada na disputa entre interesses vigentes das famílias dominantes locais, que lutam para manutenção de acordos explícitos e/ou implícitos entre elas, cujas *benesses* se dão através de favores e defesa de interesses econômicos, sociais e políticos. Inicialmente, as elites locais se estabelecem como representantes das metrópoles, na disputa entre interesses locais/regionais. Hoje estão associadas aos interesses das metrópoles nacionais e internacionais.

clusive culturais. Comportando-se, assim, como centros de atração para divulgação de **valores socialmente necessários**, distribuídos num sistema de carências¹⁷, previamente determinadas, a partir de interesses dominantes que não são necessariamente do local, mas detêm o controle do saber e da técnica, em seus diferentes níveis: seja por parte do estado, de Organizações não Governamentais (ONGs) e/ou corporações econômicas e políticas nacionais e internacionais (a partir da formulação de políticas públicas – culturais, educacionais, de saúde, entre outras), como portadoras de racionalidades instrumentalizadas que contribuem para as mudanças nos modos de vida da população local. Portanto está associada à modernização econômica, social e cultural local.

A partir das diferenças regionais e internacionais, a cultura passa a ser um bem diferenciado e disponível para o consumo nos mercados regionais. A indústria cultural assume um papel importante na apropriação e diferenciação de valores culturais locais e os transforma em bens de consumo, como sinônimo de satisfação para a população local e, principalmente, para turistas, cuja realização se dá através das organizações promotoras e divulgadoras de festas regionais/locais.

A modernização ocidental se consolidou no iluminismo, cujo propósito foi a universalização de valores culturais e espirituais, a partir da **ocidentalização do mundo** – do domínio e difusão da cultura européia, através do domínio da racionalização do saber técnico e espiritual. Atualmente, referem-se à racionalização instrumentalizada¹⁸ da economia e da sociedade contemporâneas, elementos essenciais para a produção de valores culturais de massa. Estes princípios são, a nosso ver, a base da formação da indústria cultural de massa, responsável pela socialização e homogeneização dos indivíduos, a exemplo da educação, da família, da tradição, da moral e da política. A produção e o consumo de bens e serviços estão voltados para a

¹⁷ A exemplo das necessidades, a noção de carências está relacionada à falta de algo determinado por valores previamente determinados pela estrutura social. As carências como as necessidades são produzidas socialmente e historicamente e referem-se às atividades dos sujeitos na elaboração de seus sentimentos, vivências e expectativas de acesso ao consumo de bens e serviços, socialmente diferenciados, num determinado espaço e momento histórico. JARDIM, Antonio de Ponte. **A Mobilidade Intra-metropolitana – o caso do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. UFRJ-IBGE, 2001. (Tese de doutorado).

¹⁸ A idéia de racionalidade instrumentalizada significa que, cada vez mais, as nossas vidas são pautadas por valores predeterminados, que norteiam o que devemos fazer no interior da sociedade. As nossas vidas são, cada vez mais, previsíveis a partir das possibilidades existentes num sistema de valores, de carências. A eficiência dessa racionalidade está dada pelos diferentes especialistas que “determinam” o que devemos fazer ou não.

formação de sentimentos e valores comuns ao grupo, que contribuem para a criação de novas identidades de seus componentes, ao partilharem o espaço de sociabilidade, a partir das práticas sociais estruturadas, em função de preferências sexuais, culturais - encontros esportivos e musicais, festas e ritos populares, intelectuais, profissionais e religiosas, entre outros eventos responsáveis pela formação, fragmentação e consolidação de identidades culturais.

A modernização da cultura local: da cultura popular à produção cultural

Evidenciamos, ainda, que a concepção da modernização ocidental foi fundamental para a construção das liberdades individuais no sentido que permitiu satisfazer coletivos de indivíduos, através do espetáculo como elemento essencial de consumo de bens e serviços. A partir da organização de festas, a indústria cultural assumiu um papel importante na organização de grandes eventos especializando-se, cada vez mais, na organização e divulgação de festas típicas regionais, com alcance nacional e internacional. Tende a ter um peso importante na economia local – criando empregos temporários e outros permanentes, envolvendo diferentes setores da sociedade e da economia; exigindo a formação de especialistas, em diferentes áreas de conhecimento – turismo, artes (música, dança), gastronomia, entre outras. Contribui para a formação de uma nova elite empresarial e intelectual local, que se encarrega na organização e divulgação da cultura popular (recriada), através de sua associação com o poder público e/ou privado.

A partir da indústria cultural, as tradições da cultura popular passam a ser um produto disponível, para ser consumido, **no momento certo, na hora certa** – organiza-se calendários das festas, com propósitos de antecipar as suas realizações, prolonga-se o período do evento. As festas são planejadas – com metas e estratégias a serem cumpridas anualmente. Por exemplo, o bumba-meu-boi no estado do Maranhão é planejado para todo o mês de junho se estendendo, atualmente, para os finais de semana do mês de julho – com o “vale festejar¹⁹”. Tradicionalmente sua celebração ocorria durante

¹⁹ Programação organizada pelo poder público e realização da Associação dos Amigos do Bom Menino das Mercês, em São Luis do Maranhão.

os festejos de Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal que abrangia o período de 13 a 30 de junho. A prolongação do calendário cultural tem como objetivo alcançar o maior número possível de consumidores (de turistas nacionais e internacionais).

O papel da indústria cultural, enquanto agente, é criar e recriar imagens e desejos que nem sempre correspondem as realidades, mas que satisfazem interesses empresariais e políticos e/ou demandas de consumidores e produtores culturais, de modos diferenciados. Assim, a indústria cultural passa a produzir e satisfazer novas demandas relacionadas à implementação de novos padrões estéticos responsáveis pelas modificações sociais e culturais, já que a sociedade do espetáculo terminou com as ideologias, com as utopias no sentido que os desejos se transformaram em satisfações inacabadas, num processo incessante de criação de necessidades, sem contradições entre forma e conteúdo. As necessidades, por sua vez, passaram a ser construídas e estimuladas a partir de expectativas geradas pelo consumo de objetos supérfluos (práticos), que "satisfazem" momentaneamente, mas criam e geram dependências e novas ilusões e novas necessidades, que são estimuladas, incessantemente, por aqueles que detêm o controle do espetáculo. A geração de novas necessidades, pela indústria cultural, transforma a cultura num sistema de constante renovação de carências, responsável pela criação de novas formas de controle social e político, que encobre as reais necessidades da população local.

A sociedade contemporânea centrada no espetáculo, cada vez mais regida pela lógica da racionalidade instrumentalizada, torna-se uma realidade sistêmica, cujos valores estão dados por modelos pré-determinados, fundamentados na eficiência (do saber-fazer da melhor maneira possível) e na eficácia (do porque fazer). Transforma-se a sociedade numa grande empresa, a partir de condições pré-estabelecidas, com propósitos e fins determinados. Essa lógica está cada vez mais centrada no controle da imagem e da elaboração do espetáculo (Debord, 1997), que tornam as artes visuais o foco da cultura, criando espetáculos cada vez mais elaborados e mais grandiosos e luxuosos.

O espetáculo apresenta-se sob a forma unitária e, ao mesmo tempo, dividida pelo fato que procura atingir as diferentes classes ou grupos sociais, cujos gostos estéticos tornam-se diferenciados, de acordo com o poder de compra (de consumo) e/ou com a sua forma de vida, transformando os valores culturais em mercadoria. Procura racionalizar as diferentes formas de vida em padrões únicos a serem desejados e seguidos, excluídos (negados) ou invejadas pela maioria da população (como espectadora).

Como forma de desqualificar as diferenças, a partir de padrões estéticos, cria-se um movimento de "banalização do mundo", onde resistências culturais se transformam em espetáculo ou são desqualificadas como produtos acabados para o consumo, a partir de padrões impostos por aqueles que detêm o poder da imagem e do espetáculo. Transformam o espetáculo em notícias, em informações espetaculares, inclusive as tragédias.

A banalização do mundo, sob forma de espetáculo, domina a sociedade moderna, onde o consumo de mercadorias²⁰ multiplica-se determinando a aparência e os objetos a serem escolhidos, a partir de determinados parâmetros preestabelecidos. A vida social torna-se aparente passa a ser vista como composta por tipos variados de estilos de vida²¹, cuja compreensão está associada ao entendimento das novas identidades sociais, em seus respectivos espaços de sociabilidade, relacionados a diferentes práticas cotidianas.

A origem da comercialização da cultura, ao nível mundial, foi estabelecido por Hollywood, a partir dos anos 30 e até hoje Hollywood representa, para nós, os primórdios da indústria cultural - passou a exportar padrões de *glamour*, de *love stories*, cujos ingredientes básicos são a paixão, o ódio, heróis e bandidos. A luta entre o bem e o mal, entre o amor e o ódio, cujos princípios de comportamento passaram a ser padrão para o mundo. Hollywood re-elaborou padrões culturais americanos para exportação, a partir da recriação dos modos de vida norte americanos, que se tornaram referência para o mundo contemporâneo.

²⁰ MARX, Karl. *A Mercadoria*. In: FORACCHI, Marialice M.; MARTINS, José de S. (Org.) **Sociologia e Sociedade (leituras de introdução à Sociologia)**. Rio de Janeiro: LTD, 1977, p.53-90.

²¹ MAFFESOLI, Michel. **A Tribalização do mundo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1997.

O cinema serviu de instrumento para divulgação de um modo de vida, cujo estilo logo foi difundido para todo o mundo: a imposição do “americanismo” que se consolidou após a Segunda Guerra. Entretanto, ressaltamos que o cinema teve um papel fundamental na divulgação da cultura no mundo inteiro, inclusive no Brasil, especialmente, com a criação da “*chanchada*” e, mais tarde, do cinema novo responsável pela divulgação da diversidade cultural brasileira.

Voltando a nossa questão inicial, a da cultura e da identidade locais que passaram a ser produtos de exportação – divulgada não só através da música como também pelas manifestações culturais regionais. Enfatiza-se, entretanto que, se por um lado, se universalizaram essas manifestações, por outro, se estabeleceu a questão da disputa pelo **resgate da alteridade**²², entre a diversidade cultural e as diferentes identidades e valores culturais locais. Este resgate se dará, ao nosso ver, através de disputas culturais nas quais se estabelece, implícita ou explicitamente, quais os valores culturais que devem ou não ser revivenciados para o consumo.

Hoje vivemos várias racionalidades instrumentalizadas, com alcance regionais e até mesmo internacionais, que fazem parte de políticas culturais, nacionais e regionais que são produzidos ou apropriados pela indústria cultural. **Vende-se cultura. Exportam-se ou importam-se valores.** Embora, exista o predomínio da cultura padronizada e massificada, veiculada através das novelas voltadas para o local e produzidas através de recortes locais mostram-se formas fragmentadas da cultura local, recriada através de interesses mercadológicos ligados diretamente ao consumo de valores estéticos padronizados, responsáveis pela sustentação da indústria cultural, em especialmente pelo turismo.

No caso brasileiro, hoje há um suposto padrão cultural nacional formado a partir do centro-sul do país, especialmente do Rio de Janeiro e de São Paulo, cujos valores estéticos são veiculados para todo o país, inclusive para o estrangeiro. Por isso, passam a ser um exemplo na forma de organização

²² O resgate da alteridade está relacionado com a “volta às raízes” identitárias, à recuperação da auto-estima, cujo confronto se dá entre a cultura dominante e a dominada. Este confronto permite que se discuta a questão da “igualdade na diferença” e, portanto, a questão da democracia cultural. Entretanto, ressalta-se que a indústria cultural diversifica-se através dessas diferenças que se tornam objetos diferenciados de consumo e alimentam a indústria do espetáculo.

do espetáculo. Por exemplo, a "indústria do carnaval" no Rio de Janeiro que se reproduz regionalmente - o São João no Nordeste com o bumba-meu-boi no Maranhão, o boi de Parintins no Amazonas, entre outras grandes manifestações culturais regionais que, apesar de serem diferentes entre si, passaram a adotar os mesmos princípios da indústria cultural, especialmente no que diz respeito à grandiosidade do espetáculo de massa e pelo desenvolvimento de diferentes setores econômicos voltados para a sua realização.

A hegemonia de um padrão cultural do centro-sul do país gera resistências locais como também novos mercados culturais. Estabelece-se uma luta entre o resgate de valores tradicionais da cultura local e o novo mercado cultural. Isto não significa a repetição e nem o resgate do passado, mas a recuperação racionalizada, instrumentalizada de valores que podem ser vendidos e consumidos, de forma diferenciada, no local e até mesmo internacionalmente. A crescente indústria cultural, como um dos importantes ramos da economia de serviços, vem assumindo um papel importante no processo de racionalização da diversidade cultural brasileira.

Cabe ressaltar, ainda, que a produção do padrão hegemônico da indústria cultural gera, por um lado, resistências culturais locais, cujo ressurgimento se dá no confronto entre as diferentes indústrias e as identidades culturais. Por outro, aniquila e transforma radicalmente determinadas manifestações culturais destituindo-as de significados culturais e religiosos. Entretanto ressaltamos que esse confronto é positivo, já que permite discutir o acesso a indústria cultural e o papel da política estatal, em suas várias instâncias, assim como o papel das diversas organizações voltadas para a fomentação e a divulgação dos padrões culturais regionais.

A modernização, vista como uma força centralizadora de mudança em todos os níveis da sociedade, é responsável pela aceleração do processo de secularização do social, com predomínio de ações coletivas baseadas em critérios instrumental-rationais, de (re)adaptação e institucionalização (Calderón, 1995)²³ cultural.

²³CALDERON, F. "Modernización y ética de la otredad. Comportamientos colectivos y modernización en América Latina." **Revista Mexicana de Sociología**, março de 1995, p.3-16.

Na nova economia, a indústria cultural através do estado e/ou Organizações não Governamentais (ONGS) e de empresas privadas, assume um papel importante no desenvolvimento econômico e social regional, com implicações profundas nas manifestações da cultura regional, na forma de interpretá-la e conduzi-la, ou seja, de recriá-la. Neste sentido, ressalta-se também a importância da discussão sobre a relação entre valores culturais e modernização – a criação de centros culturais e de ensino voltados para a formação e especialização nas diferentes áreas da cultura, tendo em consideração os diferentes níveis escalares²⁴. Outra questão a ser evidenciada na modernização cultural é a relação entre a indústria cultural e as identidades culturais locais. Destaca-se, ainda, que a modernização da cultura passa, necessariamente, pela discussão sobre a “**igualdade na diversidade**”²⁵, como elemento primordial para a construção da democracia política e cultural, centrada na diversidade cultural.

Finalmente, evidencia-se que a questão do resgate e do confronto cultural entre identidades culturais e sociais, o que nos remete à necessidade de compreender como os indivíduos estão inseridos no sistema social e cultural a que pertencem. O entendimento desse confronto leva-nos a dois aspectos analíticos que, ao nosso ver, se complementam. O primeiro há necessidade de se analisar os valores dominantes relacionados a vivências e referências, cujas práticas envolvem interesses excludentes e complementares. O segundo está associado ao processo de naturalização da cultura, visto através do ciclo de vida, o que nos permite observar a solidificação ou exclusão de valores sociais e culturais, numa determinada etapa da vida. Por exemplo, na infância é que se cultivam os valores culturais e sociais.

Há um falso consenso que o ciclo de vida seja igual para todos, independentemente da condição social que, em cada etapa da vida, se iguala e se diferencia entre si e no interior de cada grupo social. A infância, a adolescência, a maturidade e a velhice fazem parte do ciclo da vida, todos passamos por elas, o que nos diferencia são as vivências e as experiências em relação a

²⁴ A compreensão dos diferentes níveis escalares é importante não só a formação e consolidação das manifestações culturais locais como também para o entendimento de sua abrangência regional em relação às referências, às formas de percepção, de concepção e representação nas diferentes temporalidades e espacialidades das diversas manifestações culturais.

²⁵ Expressão cunhada por Hannah Arendt. **Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

nossa posição no mundo (a classe social que pertencemos). O confronto entre o pertencimento e a posição social evidencia-se na posição que ocupamos no mundo e pela disputa entre os diferentes interesses envolvidos, independentes do grupo social e do ciclo de vida ou de gênero. Neste sentido, o ciclo de vida embora permita distinguir as diferentes fases da vida entre os indivíduos não os iguala, em relação às oportunidades e as necessidades. Entretanto, solidifica ou exclui valores culturais através de processos educacionais, principalmente nos extremos do ciclo vital (na infância e na velhice).

As identidades sociais e culturais quando analisadas somente pelo ciclo de vida, através do grupo de pertencimento, seja este social ou de gênero, tende a naturalizar os indivíduos e mascara as diferenças sociais e culturais importantes entre eles. Assim, Corre-se o risco de ao analisar a cultura e sociedade através do ciclo de vida de encobrir diferenças sociais, já que "*somos todos iguais no momento da festa*" ou no respectivo gênero. Entretanto, ao fim da festa tudo volta ao normal: emergem as diferenças sociais e de gênero e ficamos na expectativa do próximo espetáculo, já que o futuro vive-se no momento de sua realização e o passado é reinventado e atualizado a cada evento.

Ressalta-se ainda a necessidade de intercomunicação entre a infância e aqueles que detêm o conhecimento sobre as tradições culturais, como um dos fatores responsável pela dinamização e recuperação dos valores culturais regionais. A ligação entre os extremos do ciclo de vida permite que se resgate as identidades locais, aumentando, assim, as possibilidades da recuperação da auto-estima da população local, com isto a diversidade cultural e democrática, desde que respeitados os direitos da "*igualdade na diversidade*".